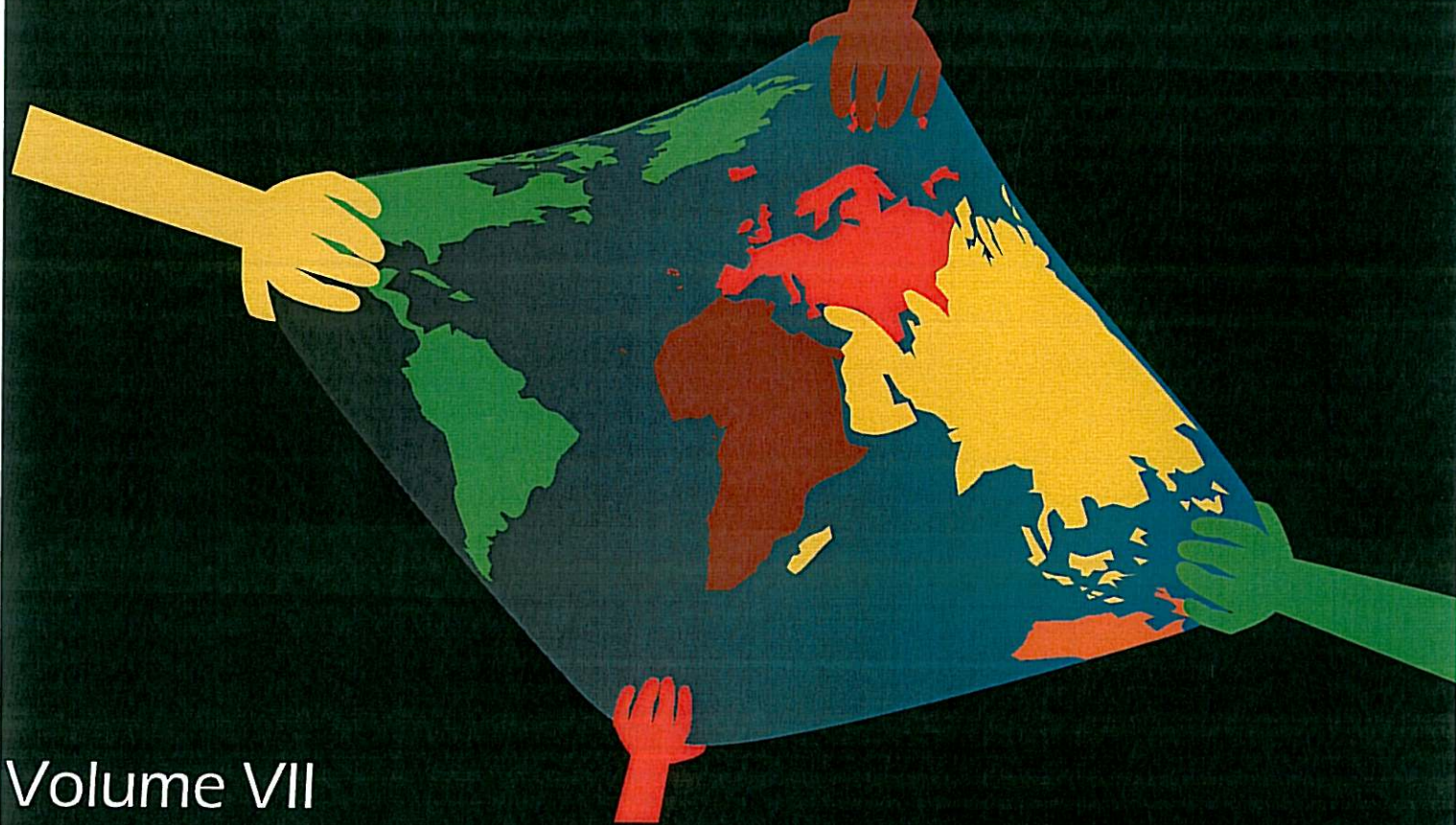


X CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

sociedades desiguais
e paradigmas em confronto



Volume VII

Desigualdades, Estado e sistemas políticos:
Classes e movimentos sociais, migrações e etnicidades

Desigualdades, Estado e sistemas políticos:

**Classes e movimentos sociais, migrações e
etnicidades**

Índice

Sindicalismo, movimentos sociais e cidadania	1
Práxis educativa e libertação do ser humano: as CEBs como movimento social	1
Movimentos Sociais na Amazônia Brasileira: vinte anos sem Chico Mendes	9
Caso Chico Mendes: as fontes que contam a história.....	19
Identidade e Modernização como modelos de políticas culturais	27
Os movimentos das mulheres quebradeiras de coco babaçu no Maranhão	37
Desagregação do sistema coletivo de trabalho e produção no assentamento Carlos Mariguela-RS: um estudo de caso	47
Mulheres negras brasileiras, que militância é essa?	54
História política dos trabalhadores em educação do Estado de Minas Gerais/ Brasil narrada por líderes sindicais: 30 anos através das vozes do sindicato	65
A nova "Internacional Operária": rumo a uma "sociedade laboral global"?	73
A Centralidade do Trabalho no Processo de Construção da Identidade: Um Estudo com Membros do Movimento dos Trabalhadores Desempregados	79
Discursos de político(a)s e não-político(a)s sobre o déficit de gênero na política e as medidas de ação positiva.....	89
O empoderamento de mulheres através da inclusão digital.....	98
Cidadania e cultura política no Brasil	108
Entre o movimento e o sindicato: mobilização, socialização e representação política das mulheres trabalhadoras rurais no nordeste do Brasil.....	113
Movimentos Sociais: continuidades e rupturas na construção epistemológica do passado	121
Política de gênero: Um dispositivo da atividade sindical da Central Única dos Trabalhadores (CUT)/ Brasil	126
Memória sindical rural brasileira	138
Inserção profissional de mulheres negras no trabalho do setor financeiro: possibilidades de resistência em tempos de crise do sindicalismo	143
A emergência dos "agricultores familiares" como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo	148
Conflitos Sociais Ameaçam as Extrativistas da Mangaba no Nordeste e Norte do Brasil.....	158
Movimentos sociais no campo: novos sujeitos, novas manifestações.....	165
Estado, Educação e Movimentos sociais do campo: Luta social pela educação do campo no Brasil.....	171
Filiação partidária/rebeldia/fermentação biológica: pistas para análises sobre a participação dos estudantes na política estudantil.....	179
A missão divina na formação da resistência: a participação da Igreja Católica na criação e atuação do MST e a mística do Movimento como elemento agregador identitário.	182
Continuidades e descontinuidades nas políticas de saúde: atuação e estratégias das instituições jurídicas no Brasil.....	189
Estruturas de Oportunidades, Processos Políticos e Engajamento Individual no Movimento Ambientalista.....	200
Associativismo e auto-realização: um estudo de caso sobre uma associação de moradoras da Vila Pinto de Porto Alegre (Brasil)	210
Relações comerciais numa economia globalizada: notas de uma organização de Comércio Justo	214
A Exclusão Social Expressa no Cotidiano do Movimento Social	223
Quando os movimentos sociais e os coletivos diversos indagam a educação	228
O Ministério Público como mediador no processo de desinstitucionalização da saúde mental.....	232
Democracia direta e cidadania: Um estudo de caso sobre o orçamento participativo em Guarulhos*	236
Globalização e relações laborais em Portugal: Uma intervenção sociológica nos sectores têxtil, automóvel, bancário, telecomunicações e hotelaria e restauração	250
A Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses (CGTP): o discurso dessas centrais sobre a precarização do trabalho em 2007, diante do processo de globalização	265
Tempo de trabalho e ação sindical no Brasil: a Central Única dos Trabalhadores e a expansão do tempo de trabalho na escala do ciclo de vida.....	276
A Crise do Sindicalismo Brasileiro: o desmonte das lutas sindicais.	282
Estratificação, classes e desigualdades sociais	288
Desigualdade sócioespacial e violência urbana na Região Metropolitana da Grande Vitória- Espírito Santo /Brasil.....	288
Repensando a pobreza, a segregação e a constituição de hierarquias sociais a partir da análise dos processos sócio-políticos e espaciais que marcam uma área periférica da cidade do Rio de Janeiro	298
Comparando estruturas sociais em duas metrópoles brasileiras	310

Homens duros, vidas frágeis. Uma etnografia da experiência do trabalho migrante na construção civil em Espanha.....	322
Um objecto em vias de extinção. O resgate teórico-etnográfico da cultura e do trajecto sócio-histórico do operariado agrícola alentejano (1926-1974).....	329
Desigualdades sociais frente ao sucesso escolar	341
“Doutores”, porém “não-cidadãos”: trajetórias de estudantes favelizados inseridos no ensino superior.....	349
La Reproducción de la desigualdad intergeneracional y nuevas formas de exclusión social producto del Diseño Político del Sistema Educacional Chileno.....	364
Os contornos da desigualdade social desde as representações da desigualdade educacional: impactos das políticas públicas nos modos de representação.....	375
As políticas sociais de reconhecimento: possibilidades e limites no enfrentamento das desigualdades sociais	382
O Estigma na doença mental: A construção de estereótipos através do cinema.....	387
A Diferença e a Desigualdade: reflexões teóricas sobre o estranhamento social	397
Urbanização desigual e desigualdade nacional: um descaminho no processo do desenvolvimento brasileiro	404
A (im)possível convergência entre desigualdades diferentes	411
Política previdenciária no Brasil - desigualdade de benefícios no regime geral - seleção pela pobreza.....	421
Novas Formas De Pensar a Pobreza Na América Latina: O Modelo AVEO	426
Política de cotas e o Programa Bolsa Família: análise dos impactos na desigualdade social brasileira e efeitos adversos: uma perspectiva comparada	431
Rendimento mínimo universal: uma via para a emancipação?.....	439
Caracterização dos assentamentos rurais da região de Andradina, São Paulo, Brasil.	445
O aumento da mobilidade individual e o agravamento da exclusão social nos territórios periféricos da cidade de Braga	456
Trabalho e educação de jovens e adultos no Brasil	464
A interpretação ideológica de um jornal impresso brasileiro sobre a categoria “meninos de rua”	471
Gilberto Freyre e Florestan Fernandes; um debate sobre a democracia racial.....	484
Novas Perspectivas sobre as Identidades de Classe	490
Gênero, família e pobreza: questionando os estereótipos sobre as famílias monoparentais femininas no Brasil	497
Gap de renda de gênero no Brasil e a mulher no mercado de trabalho: mudanças e continuidades	505
Acesso a Internet: Os lugares de gênero na família.....	516
Identidade, etnicidade e racismo	525
Emergir para existir: novas práticas políticas e pedagógicas do Movimento Negro brasileiro em prol da diversidade étnico-racial	525
Conflitos Étnicos Que Influenciam A Auto-Estima do Aluno Negro	531
A Metamorfose de militantes negros em negros intelectuais	533
Etnicidades e Estado nacional.....	547
Arrogância e isolamento: a política colonial de Carl Peters.....	551
Identidades, etnicidade e racismo entre imigrantes.	559
Os apontamentos teóricos da diversidade e a vivência da diversidade étnica, linguística, cultural e racial no Brasil a partir da presença angolana	564
Jogos de memória e performance entre os Maracatus-Nação em Recife.....	569
Black Group Identity and Vote Choice in Brazil	575
"Portugal é agora um país multicultural": diversidade etno-racial e educação.....	583
Corrida de obstáculos: trajetórias de estudantes negros em uma universidade brasileira.....	589
Identidade étnico-racial em contexto lúdico: um jogo de cartas marcadas?.....	594
A experiência do núcleo de estudos afro-brasileiros da UFES: construindo possíveis no campo do trabalho educativo anti-racismo	605
A Aprendizagem dialógica e suas contribuições para a construção das identidades das crianças negras.....	614
Roger Bastide: vertigem e abismo	617
Racismo e Ciências Sociais em Portugal; um balanço da última década.	629
Os Conceitos de identidade e de diversidade em diferentes perspectivas	634
“O valoroso colono italiano”: representações sobre a positividade étnica e a superioridade racial nas comemorações dos cinquenta anos da imigração italiana no sul do Brasil.....	643
Viagem pela África através da arte: ressignificando as relações étnico-raciais na escola	651
Mulheres imigrantes brasileiras em Portugal - trajetórias e projectos de vida.....	659

Imigrantes africanos dos PALOP e negros brasileiros: a identidade étnica construída na imprensa de Portugal e do Brasil.....	667
Produção social da etnicidade no processo de inserção social: o caso dos africanos dos PALOP no Distrito de Braga.....	673
Identidade cigana: impacto de trajectos de mobilidade social.....	680
Reconfigurações identitárias de Imigrantes em Portugal	692
Construindo projectos de cidadania activa: uma análise às trajectórias associativas de descendentes de imigrantes em Portugal	699
Multiculturalismo, Globalización y fenómeno migratorio	705
Os jogos de futebol “preto vs branco” e os dilemas do início da república: construindo a “civilização brasileira”, afirmando as “identidades raciais”.....	713
Identidades Plurais evidenciadas nos espaços das feiras livres luso-afro-brasileiras	718
Identidades e diferenças transnacionais: reflexões sobre a esgrima japonesa no Brasil	720
Iemanjá é da elite?.....	728
A Pequena África de Tia Ciata: etnia e território no Rio de Janeiro 1870/1945.....	731
Contexto escolar e processos de discriminação racial: um estudo a partir das aulas de educação física.....	737
Portugal, a Europa e o império: contorções identitárias	744
Consciência histórica: um diálogo entre países.....	750
Ideias de alunos cabo-verdianos e portugueses sobre identidade e interculturalidade – estudos em significância histórica.....	758
Construindo identidades: ideias de jovens no contexto de actividades educativas relacionadas com o património histórico	769
As crianças quilombolas de Mato Grosso do Sul/Brasil e suas vivências lúdicas: relatos orais e imagens.....	778
Reconhecimento étnico da comunidade de Bastiões: rumores e conflitos	790
Identidade, reconhecimento e auto-estima: As experiências dos remanescentes do quilombo de Tijuacu- BA – Brasil.....	798
Visibilidade da Tradição: uma análise da comunidade negra remanescente do quilombo de São José da Serra (1997-2007)	806
Afro-Brasileiro, natureza e a luta fundiária das comunidades quilombolas	809
Diversidade e esfera pública: conexões possíveis	815
Prática docente de professoras negras acerca da questão étnico-racial: a "visão" de ex-alunos.....	825
Desigualdades Étnico-Raciais, Processos de Mediação e Dinâmicas Identitárias.....	837
A construção da imagem dos imigrantes e das minorias étnicas na imprensa portuguesa.....	848
Exotismos e tropicalização: a identidade brasileira em Portugal.....	857
As representações do imigrante brasileiro no jornalismo impresso local: estudo de caso entre Braga (Portugal) e Trento (Itália).....	862
"Nós" e "eles": percepções e representações entre portugueses (não)ciganos e ciganos: estudo de caso em três bairros (peri)urbanos de Braga.....	879
Delinquência juvenil e comunicação intergrupala	889
Memoria e construção de identidade em uma comunidade de descendentes de escravos no Pará, Brasil.....	894
A população negra em Londrina: invisibilidade, cultura e resistência	904
Dois Olhares, duas Perspectivas Históricas: como se viam os Índios no Séc. XVI e como se veem de finais do Séc. XX aos nossos dias.....	910
O Padre Gama	910
Devir negro: uma proposta anti-racista no Brasil.....	919
Contextualizando os Territórios Negros e a Segregação Racial em São Paulo:	921
o pós-abolição, o mundo urbano industrial e a globalização	921
Movimento Negro e suas Pedagogias Multirraciais	929
Direitos humanos e a experiência do observatório dos direitos indígenas no Ceará, Brasil.....	940
Imigrantes africanos dos PALOP e negros brasileiros: identidade étnica construída na imprensa de Portugal e do Brasil.....	950
Expressar, classificar, publicar: a escrita como forma de resistência e expressão cultural entre descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (Brasil).....	956
O polonês no Paraná (Brasil): revisitando um preconceito	961
“Lugar de negro é na cozinha do RU”. Cientistas sociais, questão racial, ações afirmativas e terror acadêmico.....	972

Políticas sociais (afirmativas) e universidade: a reserva de vagas na Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES.....	986
Programa de ações afirmativas no ensino superior, acesso e permanência com reserva de vagas social e étnico-racial.....	999
Reconhecimento, capital social e ação afirmativa no Brasil.....	1002
O discurso de mulheres afro-descendentes sobre o sistema de cotas no Brasil.....	1009
Programa de reflexões e debates para a consciência negra: uma experiência da Lei 10.639/03.....	1014
Racismo, infância e espaço escolar.....	1024
Trajetórias escolares de jovens negros brasileiros entre as desigualdades e o racismo.....	1029
Discursos e representações sobre relações étnico-raciais nos manuais escolares em países de língua portuguesa.....	1036
A presença de jovens negros na educação de jovens e adultos: herança de desigualdades educacionais e raciais no Brasil contemporâneo e/ou conquista de um direito?.....	1046
Relações étnico-raciais no Brasil e formação acadêmica – uma experiência de debate.....	1054
Novos regimes de cidadania e reconhecimento de direitos culturais: será a política de educação intercultural uma ameaça?.....	1062
Raça, classe, políticas de ação afirmativa e cotas na educação superior brasileira.....	1068
As cotas universitárias para negros no Brasil e o caso de Londrina.....	1077
Desafio das demandas por direitos étnico-raciais no contexto das políticas governamentais amazônicas: o caso do estado do Pará/Brasil.....	1084
Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu: ação coletiva e identidade negra em comunidades tradicionais.....	1094
Jongo, Patrimônio Imaterial e Identidade Negra.....	1101
Organização Comunitária em Territórios Jongueiros.....	1110
O sentido hegemônico das políticas culturais identitárias na Amazônia contemporânea.....	1118
Territórios e Territorialidade: Os Clubes Negros em Santa Catarina e a Formação das Cidades na Região Carbonífera no Sul do Estado.....	1125
O processo da denúncia e não-denúncia: mulheres negras em vivência de violência doméstica.....	1128
Mulheres Negras nas Ruas de Salvador no Século XIX.....	1134
Raça e identidade nacional em Os sertões de Euclides da Cunha.....	1140
Uma reflexão sobre a construção cultural das identidades coletivas - gênero, etnia e classe.....	1144
Migrações, exílios e diásporas.....	1151
Para a construção do perfil e trajecto dos Músicos Imigrantes Cabo-Verdianos na Área Metropolitana de Lisboa.....	1151
Sonoridades de afirmação: os filhos de cabo-verdianos em Portugal.....	1172
Sociopatias Migratórias- Banzo da Pós- Modernidade? Mitos e Realidades.....	1181
Acesso formal aos espaços políticos no contexto local: eleitores e eleitos nos municípios e freguesias portuguesas.....	1191
Os Desafios da paz: Processo de Integração Social de Mulheres que Participaram na Guerra Civil de Angola.....	1200
Procurando entrar na fortaleza da terra prometida: translocalização da intimidade e mobilidade migratória do nordeste brasileiro para a Europa.....	1209
Uso de los Medios de Comunicación y Prácticas Culturales de los Magrebies en Catalunya.....	1217
e Resiliência: dos usos e consumos mediáticos entre imigrantes dos países africanos de língua portuguesa (PALOP) e seus descendentes em Portugal.....	1230
Os meios de comunicação e a construção da União Européia e do Mercosul como espaços de integração: percepções de migrantes latino-americanos e europeus.....	1244
Deslocamentos e vivências familiares de portugueses e luso-africanos.....	1253
O retorno nas migrações forçadas: factos e mitos.....	1259
Experiência do exílio de órfãos camponeses; cotidiano, resistência e retorno a terra da tradição.....	1271
As Dimensões Territoriais dos Nordestinos na Amazônia.....	1278
Diálogo e Urbanidade Intercultural - O Imigrante, os Outros e o Espaço.....	1292
Lendo nas entrelinhas: grupos indígenas e negros no sertão baiano (Séc. XVII ao XIX).....	1299
Cidades da cidade.Migração e desigualdades sócio-espaciais em São Luís do Maranhão.....	1307
Nas fronteiras do pertencimento: da Quinta do Silêncio à Brasilândia. A constituição de um espaço brasileiro em Portugal.....	1314
A dimensão política do refúgio. Uma análise dos ativistas políticos da Casa do Povo (1940-1960).....	1320
A imigração síria e libanesa no sul da Bahia/ Brasil.....	1329
Transmigrantes.....	1338
Cidadania transnacional entre imigrantes sul-americanos em São Paulo.....	1344

Aproximações Teóricas e Empíricas. As Redes de capoeira em Madrid (Espanha)	1350
Migrações científicas: experiências de partida e retorno dos investigadores portugueses.....	1362
O brain drain associado aos migrantes universitários cabo-verdianos	1369
Do colono imigrante ao emigrante colonizador: o caso dos poloneses no Paraná (Brasil), 1870-1920.....	1382
Histórias de migração - imaginando a capital	1388
Raízes italianas na Amazônia Brasileira: fluxos migratórios do final do século XIX ao início do século XX.....	1401
Vidas em Português: Luso-tropicalismo, Lusofonia e poder no contexto imigratório em Portugal	1412
'América' e seus conceitos: formações, mudanças e perspectivas	1423
A imagem do sujeito diaspórico em "Árido Movie" e "Essa Terra".....	1430
O sonho de voltar rápido do Japão para viver no Brasil agora é uma utopia: os nikkeis do Brasil no	1434
Bandeirantes do Oriente ou Perigo Amarelo: os imigrantes japoneses e a DOPS.....	1442
Imigração retorno e retorno do reprimido	1453
Migrações temporárias do Nordeste para o Sudeste do Brasil: Trabalhadore/as do Piauí para a agroindústria canavieira de São Paulo	1459
Estudo de caracterização da população estrangeira, com estatuto legal, residente na freguesia de Almancil	1473
Redes sociais e acesso ao Mercado de trabalho dos jovens originários dos PALOP em Portugal	1481
Imigrantes, Minorias Étnicas e Autarquias - A (in)visibilidade institucional das políticas de integração social.....	1489
Estrangeiros na Metrópole de São Paulo: vínculos e rupturas.....	1500
Imigrantes cristãos ortodoxos sírio-libaneses na cidade de São Paulo – religião e identidade	1514
Usos e imaginários e imaginários mediáticos transnacionais nos processos de cidadania de migrantes em Porto Alegre e Barcelona.....	1521
Saberes e fazeres africanos e da diáspora.....	1534
Nação, Estado e sistemas políticos.....	1539
Intelectuais ibgeanos: quesito raça/ cor e o projeto de nação e modernização brasileira (1936-1960).....	1539
A desvinculação religiosa na instauração do Estado moderno e as suas metamorfoses na contemporaneidade.....	1548
A República brasileira também desterra: legislação, ordem e suas práticas – o caso de 1892.	1553
Protagonismo Feminino nas Eleições Multipartidárias Cabo-Verdianas	1561
Institucionalização dos Sistemas Partidários na África Lusófona. O caso Cabo-Verdiano	1568
Francisco Campos e os fundamentos do constitucionalismo antiliberal no Brasil	1580
Poder Local, Política e Cidadania*	1593
Mudar para não mudar: políticas públicas e pobreza no sertão semi-árido do Ceará - Brasil	1600
Corporativismo e família: tradição luso-brasileira no marco da Representação Complexa	1612
Gisele Silva Araújo	1612
Senhores e escravos na justiça do Brasil imperial.....	1620
O espelho fraterno e o paradigma do republicanismo: Portugal-Brasil, 1889-1910.....	1632

- Goffman, E. (1988 [1963]). *Estigma - Notas sobre a Manipulação Deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara
- Goffman, E. (1991 [1974]). *Les cadres de l'expérience* Paris: Les Éditions de Minuit
- Grácio, S. (1997). A mobilidade social revisitada. *Sociologia, Problemas e Práticas* (24), 45-69
- Gruzinski, S. (2001). Mestiçagens, mundialização e história: algumas pistas de reflexão e pesquisa. *Cadernos do Noroeste* (15 (1-2)), 305-322.
- Júnior, B.A. (2002). *Fronteiras múltiplas, identidades plurais - um ensaio sobre a mestiçagem e o hibridismo cultural* S. Paulo: Editora Senac
- Lahire, B. (2005). Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, 11-42.
- Liégeois, J.P. (1989). *Ciganos e Itinerantes* Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
- Kaufmann, J.-C. (2005). *A Invenção de si*. Lisboa: Instituto Piaget
- Magano, O. (1999). *Entre Ciganos «Portugueses»: Estudo sobre a integração social de uma comunidade Cigana residente na cidade do Porto*. Porto: Universidade Aberta. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais
- Marques, J.F. (2001). Racismo, etnicidade e nacionalismo: que articulação?. *Revista Crítica de Ciências Sociais* (61), 103-133.
- Merton, R.K. (1970 [1949]). *Sociologia, Teoria e estrutura* S. Paulo: Editora Mestre Jou
- Moller, I.; Hespanha, P. (2002). Padrões de exclusão e estratégias pessoais, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (64), 55-79
- Nunes, O. (1996). *O Povo Cigano*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa
- ONPC - Obra Nacional para a Pastoral dos Ciganos (1995). *A Comunidade Cigana na Área da Diocese de Lisboa*. Lisboa. Secretariado Diocesano de Lisboa
- Paugam, S. (2003). *A desqualificação social - Ensaio sobre a pobreza* S. Paulo: Cortez Editora
- Plummer, K. (2002 [1996]). O interaccionismo simbólico do século XX: a emergência da *teoria social* empírica. In B.S. Turner (Ed.), *Teoria social* (225-254). Lisboa: Difel.
- Reis, F., (coord.) (2001). *Quadros da vida cigana: entrevistas com...* Lisboa: Secretariado Diocesano de Lisboa da Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos e Ministério do Trabalho e Solidariedade
- Róman, T.S. (1994). *La diferència inquietant: velles i noves estratègies culturals dels gitanos*. Barcelona: Editorial Alta Fulla - Fundació Serveis de Cultura Popular.
- Santos, B.S. (1993). Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira. *Revista Crítica de Ciências Sociais* (38), 11-39.
- Schnapper, D. (2007). *Qu'est-ce que l'intégration?* Paris: Éditions Gallimard: Folio Actuel Inédit
- Silva, G.F. (2004). Sociedade multicultural: educação, identidade(s) e cultura(s). *Educação* (r.s. ano XX VII, N. 2(53)), 283-302.
- Soulet, M.-H. (2000). Pensar a Exclusão nos dias de hoje: não integração ou desintegração?. In M.-H. (org.) Soulet (Ed.), *Da não-integração*. Coimbra: Quarteto.
- Vala, J. (2003). Simetrias e identidades - perspectivas teóricas sobre a descrição de um grupo minoritário. Em J. Vala (Ed.), *Simetrias e Identidades: Jovens Negros de Portugal* (5-19). Oeiras: Celta /Instituto Português da Juventude
- Velho, G. (1999 [1987]). Projecto, emoção e orientação em sociedades complexas. In G. Velho (Ed.), *Individualismo e cultura - notas para uma antropologia da sociedade contemporânea* Rio de Janeiro: Zahar Editor. (15-37).
- WALGRAVE, L. (2000). Vulnerabilidade Societal e Acção Societal. In M.-H. Soulet (Ed.), *Da não-integração*. Coimbra: Quarteto. (73-106)
- Wiewiorka, M. (2002), *A diferença*. Lisboa: Fenda.

Reconfigurações identitárias de Imigrantes em Portugal

Ricardo Vieira

CIID - Centro de Investigação Identidade(s) e Diversidade(s), do IPL - Instituto Politécnico de Leiria
rvieira@esel.ipleiria.pt

Maura Mendes

CIID - Centro de Investigação Identidade(s) e Diversidade(s), do IPL - Instituto Politécnico de Leiria
maura@aidc.pt

Resumo: Parte-se do princípio de que não há uma cultura dos imigrantes mas, antes, modos diferenciados de viver, conviver e se identificar com os mundos culturais que cada sujeito atravessa na sua trajetória social. Ao nível do estudo de imigrantes brasileiros em Portugal, trabalhando com a primeira vaga (com início no final dos anos 80) e a segunda vaga (na transição do século XX para o XXI) pretendemos, numa primeira parte, mostrar como se reconstrói a identidade entre duas margens: a cultura de partida e a cultura de chegada. Numa segunda parte, pretendemos dar voz aos mais silenciados na compreensão dos imigrados: apresentar-se-á o processo de reconstrução da identidade de imigrantes brasileiros, resultado de entrevistas etnobiográficas. É usada a teoria da transfusão cultural (Vieira, 1999a e 2006) e observada a heterogeneidade de modos de viver entre culturas, seja rejeitando a de origem (o oblato), seja rejeitando a de chegada num dado momento (o monocultural, de acordo com a cultura de partida), seja vivendo de forma ambivalente entre as duas (o eu

multicultural), seja inventando a terceira margem, como dizem os poetas, que corresponde a uma atitude de incluir as diferenças culturais por que se passou ao longo da história de vida, num *self* intercultural (o trânsito intercultural).

Palavras-chave: Identidades pessoais; primeira margem; segunda margem; metamorfoses da identidade; entrevista etnobiográfica; multiculturas; eu intercultural; eu bicultural

1. Cultura dos imigrados e cultura(s) dos imigrantes

Portugal foi considerado durante séculos como país de emigração, que se habituou a ver partir o seu povo para as mais diversas paragens do mundo. Contudo, nas últimas décadas tem vindo a transformar-se num país de imigração, fenómeno associado à descolonização e à entrada na União Europeia. Portugal ocupa um lugar próprio dentro do quadro evolução recente das sociedades europeias. «*De país emigrante, que via embarcar para as Américas muitos dos seus filhos, ou, na década de 60, transpor 'a salto' a fronteira rumo à Europa, nos últimos 15 anos, sobretudo, passou a ser país de muitas imigrações*» (Lages et al, 2006: 33).

Em menos de meio século, «*de fenómeno episódico, quase imperceptível, a imigração passou a fluxo notório e marcante da nossa vivência colectiva, dotando a sociedade portuguesa de uma multiculturalidade que não conhecíamos no passado*» (Cruz, 2004: 12). Portugal tem hoje cerca de meio milhão de imigrantes legais, que representam cerca de cinco por cento da população total, fora o número de ilegais que ultrapassa já as cento e cinquenta mil pessoas (SEF, 2006).

Com a entrada de milhares de estrangeiros em Portugal, uma imigração económica acentuada com a entrada de populações da Europa de Leste, «*reforça-se a matriz multicultural marcada desde há séculos por minorias tradicionais como a comunidade cigana, a judaica e a própria comunidade de surdos (que se exprime numa língua própria, a língua gestual portuguesa)*» (Souta, 1997: 36).

A estrutura ocupacional da população imigrante em Portugal pode dividir-se em três grandes categorias: profissionais altamente qualificados, onde se destaca a presença de um número significativo de profissionais brasileiros, de que aqui apresentaremos algumas vozes; trabalhadores especializados, pequenos empresários, exemplo de outras vozes que abordaremos também, e trabalhadores não qualificados, onde dominam os refugiados e imigrantes ilegais.

De facto, a interacção social deu origem a uma renovação das atitudes e das formas de expressão cultural em Portugal. Este carácter multicultural da sociedade portuguesa é uma realidade seguramente irreversível, particular nos meios urbanos mais industrializados onde há mais oportunidades de trabalho. E, como em toda a interacção social, também os imigrantes brasileiros se transformaram, se metamorfosearam identitariamente (Vieira e Trindade, 2008; Mendes, 2008). E é do que aconteceu com alguns brasileiros, dois homens e duas mulheres oriundos do que designamos por primeira vaga, que se iniciou nos finais dos anos 80 e que era constituída, grosso modo, por mão-de-obra qualificada, que queremos aqui apresentar: o Márcio, professor universitário, o Rowney, médico dentista, a Antónia, esteticista por conta própria e a Nívea, licenciada em Letras e jornalista de rádio.

Reflectiremos sobre a transformação e as metamorfoses identitárias que ocorrem com estes imigrantes provenientes do Brasil, a partir das suas trajectórias sociais e experiências de vida, que os tornam num “outro” bem diferente dos seus semelhantes que ficaram no país de origem, «*o que constitui um dos problemas maiores do regresso dos imigrados aos seus países: já não os reconhecem, de tão mudados que os encontram, e muitas vezes mais cultural que materialmente*» (Cucho, 1999: 165).

Convém registar, rompendo com algum senso comum, que o imigrado não é representante da cultura do seu país nem da sua comunidade original.

«A chamada “cultura dos imigrados” é, portanto, na realidade, uma cultura definida pelos outros, em função dos interesses dos outros, a partir de critérios etnocentristas. A “cultura dos imigrados” é tudo aquilo que os faz parecer diferentes, e isso apenas. [...] Quanto mais é percebido como diferente, mais um indivíduo é considerado como “imigrado”. Dos sistemas culturais próprios dos imigrados, reter-se-á apenas o que conforta a representação dominante dessas culturas, a saber, os aspectos mais visíveis e mais surpreendentes. Adiantar-se-ão as “tradições”, os “costumes”, os “traços culturais” mais “exóticos” [...] que permitem definir o imigrado enquanto imigrado, recordar-lhes as suas origens e, segundo as expressão de Sayad, “chamá-lo às suas origens”, o que é uma maneira de o “pôr no seu lugar”.» (Cucho, 1999: 156-157).

Por isso nos referimos aos imigrantes no plural e suas multiculturas, para marcar a heterogeneidade dentro do universo, e assumindo mais as idiosincrasias identitárias de cada um do que, propriamente, a identidade cultural dos cidadãos provenientes do Brasil aqui apresentados.

Quando se fala em imigrantes há, provavelmente, mais tendência para pensar no que os une culturalmente do que no que os distingue. Neste texto, ao contrário, parte-se exactamente do princípio de que não há uma cultura dos imigrados ou mesmo dos imigrantes mas, antes, modos diferenciados de viver, conviver e se identificar com os mundos culturais que cada sujeito atravessa na sua trajectória social. A base da vida democrática não pode ser o “Nós” da Nação, mas sim os múltiplos “Eus” que constituem a cidadania de uma República, mesmo quando as pessoas se associam para a defesa dos seus interesses e a superação da desigualdade de oportunidades resultante de diferentes origens de classe, género, estatuto, etc.

«Não podemos, portanto, traçar um quadro único das culturas dos imigrados, uma vez que elas só existem no plural, na diversidade das situações e dos modos de relações interétnicas. Estas culturas são sistemas complexos e evolutivos, na medida em que são reinterpretados permanentemente por indivíduos cujos interesses categoriais podem ser divergentes, segundo o sexo, a geração, o lugar ocupado na estrutura social, etc.» (Cucho, 1999: 60).

2. Cultura(s) e identidade(s) de imigrantes

Reflectamos, um pouco, sobre como se reconstrói a identidade entre duas margens: a cultura de partida e a cultura de chegada. Retomamos, para isso, a teoria da transfusão cultural (Vieira, 1999a e 2006) e observamos a heterogeneidade de modos de viver entre culturas, seja rejeitando a de origem (o caso dos oblatos), seja rejeitando a de chegada num dado momento (os monoculturais de acordo com a cultura de partida), seja vivendo de forma ambivalente entre as duas (o caso do eu multicultural), seja inventando a terceira margem, como dizem os poetas, que corresponde a uma atitude de incluir as diferenças culturais por que se passou ao longo da história de vida, num self intercultural (o caso do trânsfuga intercultural).

«No final de contas, cada um de nós poderia ter sido qualquer outro. Cada um de nós é uma virtualidade que poderia ter atualizado em outro tempo, em outro lugar, em outra cultura. Analogamente, cada outro é uma virtualidade de mim, que eu mesmo não concretizei: mas é eu em estado potencial, é aspecto de minha manifestação plena. Desse modo, cada um de nós contém em si a humanidade inteira. [...] A diferença localizada é preciso compreendê-lo como expressão de semelhança geral que permite aos homens diferir; de estruturas para além das "identidades" grupais, étnicas ou sociais, que as possibilitam em seus aspectos relacionais» (Rodrigues, 2003: 169-170).

Efectivamente, na perspectiva desta comunicação, toda a previsão está fora de causa. Toda a análise mecanicista e sociologista do encontro de culturas está fora de cena. A socialização e as experiências de aprendizagem que decorrem durante uma vivência alteram a identidade pessoal numa forma imprevisível.

«Algumas pessoas argumentam que o "hibridismo" e o sincretismo – a fusão entre diferentes tradições culturais – são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado. Outras, entretanto, argumentam que o hibridismo, com a indeterminação, a "dupla consciência" e o relativismo que implica, também tem seus custos e perigos.» (Hall, 1997: 91)

Percebemos a identidade como uma construção complexa, que se funda na relação com o outro, e não um estado existencial. Conforme refere Vieira (1999b: 58), «*se a identidade implica alguma constância, não se trata no entanto duma repetição indefinida do mesmo, mas antes dialéctica, por integração do outro no eu, da mudança na continuidade*».

Quem experimenta contextos migratórios, mediante múltiplas referências culturais e situações complexas, tende para o hibridismo identitário ou para a mestiçagem. Conforme destaca (Hall, 2003: 27) «*na situação de diáspora, as identidades se tornam múltiplas*». Neste sentido, a busca dos sentidos e pertenças identitárias torna-se complexa, requerendo dos sujeitos um trabalho de reflexividade e (re)construção de si constante, apelando a mecanismos próprios que lhe permitam gerir as suas subjectividades e idiosincrasias. Tendo em conta que os migrantes «*têm um pé em cada local*» (Sarup, 1996: 7), presume-se que aconteça uma radicalização das suas identidades híbridas e mestiças, pelo «*processo de pluralização dos espaços estruturais onde se forma a identidade*» (Stoer e Magalhães, 2005: 106).

O eu plural inventa-se a cada momento numa multiplicidade de pertenças e espaços simbólicos, num processo contínuo de mestiçagem: cada um é aquilo que é pelas relações que estabelece e pela forma original com que se apropria do outro, tornando-o seu, num balanço contínuo para que o projecto de vida faça sentido.

«A mestiçagem autoriza, portanto, a mudança e a transformação cultural, mas pela base, quer dizer através do processo de ordem individual, ainda que estes se repitam o bastante para darem a impressão de um processo de grupo [...]. A mestiçagem seria, por outras palavras, factor de subjectivação, na medida em que confere ao sujeito a faculdade de se construir e de se traduzir em actos. O mesmo é dizer que a mestiçagem não implica unicamente a mistura das culturas. Quando entre culturas fortes há um encontro que as não destina a desaparecer, poderão ter lugar processos de influência recíproca, (de aculturação, como se diria num outro vocabulário), de transformações inovadoras e não necessariamente empobrecedoras [...], podem inventar-se formas culturais originais que não suplantem por inteiro aquelas das quais extraem a sua origem.» (Wieviorka, 2002: 92-93)

A identidade assume-se como um processo mutável, multidimensional, resultante de uma construção social e, resultante assim, também, da sua complexidade. Neste quadro, os sujeitos procuram uma coerência identitária através do desenvolvimento de uma segurança ontológica que possibilita a «continuidade da sua auto-identidade pessoal» (Giddens, 1992: 64). Assim, a identidade «*não é uma constância mecânica, uma repetição indefinida do mesmo, mas dialéctica pela integração do outro no mesmo, da mudança na continuidade*» (Camilleri, 1989: 44).

3. Entre Cá e Lá: Identidades em Gerúndio

MÁRCIO

A Partida

Márcio está em Portugal há dezoito anos. Veio do Rio de Janeiro. Depois da licenciatura em Economia, emigrou para Portugal, país que foi a segunda escolha, para fazer o mestrado em Economia europeia na Universidade de Coimbra. É casado com uma brasileira, filha de portugueses, e tem uma filha pequena.

"Eu vim para Portugal porque eu pertencço a uma vaga de imigração obcecada pelos Estados Unidos, o fascínio que os EUA exercem de uma forma pernicioso sobre toda a América Latina e sobre o Brasil. Eu queria ir estudar Economia nos EUA, na altura tinha a minha poupança, tinha um carro e fiz contas à vida, e vi que não tinha condições, não consegui bolsa, para ir para os EUA. [...] Despedi-me, agarrei nas minhas poupançazitas, vendi o carro, a relação de namoro também terminou e fiquei livre para o mundo. Agarrei nas malas e vim embora. E a outra memória que não me vai sair da cabeça, em termos de sentimento, eu nunca tinha saído para fora do Brasil, tinha sido a primeira vez, eu tinha 23 anos na altura. [...] a minha missão era sair do Rio e chegar a Coimbra, comecei a pesquisar coisas sobre Coimbra.»

A fuga para a terceira margem

Contrariamente ao hibridismo, a mestiçagem não é fusão. É disjunção. É fuga para uma terceira margem. Essa fuga torna-se consciente quando os olhares e discursos que os outros nos devolvem, quer os da primeira, quer os da segunda margem, nos dizem que não pertencemos nem a uma nem à outra. A dupla pertença geradora de ambiguidade é assim objectivada e a descolagem por uma terceira margem do rio, como refere Guimarães Rosa, pode acontecer.

«Não, não me considero luso-português. Eu sou brasileiro, toda a minha documentação é brasileira, mas, no meu íntimo, sim luso-brasileiro. Hoje em qualquer parte do mundo que eu estiver se alguém disser mal de Portugal eu sinto aquela manchazinha. Quando faço as minhas análises costumo fazer uma base de comparação mental e emocional que é a seguinte: Quando alguém diz mal de nós ou do nosso país, por mais que nós sejamos críticos em relação ao nosso país tendemos o afastamento porque existe uma mancha que fica e hoje em dia sinto-me tão incomodado se falarem mal do Brasil como de Portugal, ou seja, quando eu vou ao Brasil e algum brasileiro tece uma crítica negativa a Portugal, isso toca-me. Do mesmo modo que se alguém em Portugal fizer uma crítica negativa ao Brasil isto também me toca. [...] Ninguém sabe de onde é que é. E eu hoje sou etnicamente ambíguo porque eu chego ao Brasil e não sou brasileiro, para quem não me conhece, se eu chegar hoje ao Brasil e falar eu não sou brasileiro, e cá em Portugal, se eu falar não sou português. É ao nível dos outros, aos olhos dos outros sou etnicamente ambíguo do ponto de vista da oralidade [risos]. [...] Da última vez que estive no Rio, lá fui dar uma aula numa pós-graduação... e esse meu amigo, ao apresentar-me perante os meus colegas da universidade, dizia, olhem está aqui o meu amigo português. [...] Por outro lado eu não tenho um único amigo brasileiro em Portugal.»

A alimentação pode servir para avaliar, de forma mais ou menos objectiva, a forma particular como cada sujeito manipula as suas diferentes pertenças. Para o Márcio, a picanha e a caipirinha representam a sua ligação à primeira margem; servem como suportes simbólicos de ancoragem à cultura brasileira. Servem de viagem cultural até à primeira margem.

«Tenho necessidade da picanha, por exemplo, mas não preciso ir ao restaurante, picanha compro. Faço caipirinha em casa e é muito boa, toda a gente gosta da minha caipirinha, há pessoas que vão lá em casa só por causa da minha caipirinha.»

Tal como ocorre com a gastronomia, também o futebol serve de catalisador da identidade. É possível saber, através da adesão ou ligação clubista, o peso, ainda que remanescente, das várias pertenças.

«Quando há jogos do Brasil com Portugal torço pelo Brasil [...] não gostava que Portugal perdesse, mas gostava que o Brasil ganhasse.»

ROWNEY

O eu intercultural

Rowney é cirurgião dentista. Está em Portugal há vinte anos. Tem uma família luso-brasileira. A mulher é portuguesa, do Porto e têm duas filhas do primeiro casamento. Embora nascidas em Portugal, não lhes foi concedida, na altura, a nacionalidade portuguesa, devido à legislação que vigorava então. Rowney reclama para si o direito de ser tudo: da primeira, da segunda e de todas as margens. Assume-se como um projecto em aberto.

«Eu sinto-me um cidadão da Terra. Eu não sou aquilo que nasci, eu sou o que construí, eu sou o que sou hoje. Se vai ser assim amanhã, não sei, provavelmente não. Provavelmente amanhã vou juntar mais coisas, mais aprendizagens, mais experiências e se calhar vou estar diferente, vou estar com outras visões, até me posso tornar um fundamentalista ou ainda um indivíduo mais aberto do que sou hoje. Não vejo as coisas com essa fixação no tempo. A minha experiência de vida foi fundamental para essa minha capacidade camaleónica de me adaptar.»

A sua adesão à cultura de partida faz-se por um apego às tradições alimentares do Brasil e a firme recusa de pratos tradicionais portugueses. Esta identificação primordial é também fortemente reivindicada através de um investimento afectivo na escola de samba da Portela ou no clube de futebol brasileiro Flamengo, investimento que não faz em qualquer clube português.

«Não me peçam para torcer por outra escola que não seja a Portela, não vale a pena, é a escola de samba do meu coração cujas cores são azul e prata. Eu assisto ao desfile da Portela religiosamente os outros vejo [risos], é um pouco ritual, também há o ritual quando sento para ver o Flamengo a jogar não é a mesma coisa que sentar para ver o Porto jogar ou o Benfica. Quando o Flamengo joga saiam de perto de mim porque aí o fundamentalismo quase chega às raias da loucura [risos] tenho os meus pontos fracos, sou humano. O Flamengo é que é o meu coração, o que é que eu vou fazer eu não consigo torcer por outra equipa. Quando estão ali duas equipas a defrontarem-se escolhe-se uma para ter mais simpatia mas não me consigo fixar por outra equipa, não dá para sofrer, é o Flamengo.»

Se o futebol funciona como âncora importante à cultura de partida, essa dimensão ontológica, o apelo das raízes, é reforçada pelas preferências alimentares, inequivocamente brasileiras.

«Eu não me adaptei facilmente do ponto de vista alimentar, na altura em que cheguei a Portugal, os cozidos, os grelhados não faziam parte da minha alimentação, eu até hoje continuo a alimentar-me brasileiromente, abomino couves, então caldo verde é uma questão fora de qualquer conversa, o cozido à portuguesa é um prato que não me serve para rigorosamente nada, entretanto o bacalhau do jeito que for, “marcha” que é uma “gracinha”, tenho um “asco” de sardinha assada para mim aquilo é a visão do inferno, é o quadro de Dante bem pintado, mas em contra partida sou apaixonado por um robalinho grelhado, há uma identificação com as coisas e não com a nacionalidade delas. E posso me gabar de ter ensinado a minha esposa a fazer muita coisa que ela faz hoje, de comida brasileira e não só.»

Através da família portuguesa, das filhas, e da nação, simbolizada pelo hino que entoa de forma emocionada, este imigrante brasileiro reclama a sua portugalidade.

«Você coloca pão para assar no forno, o que é que sai de lá? Pão ou borboleta? Sai pão. Portanto, as minhas filhas são portuguesas, elas nasceram aqui, filhas de pais brasileiros mas são portuguesas, sempre senti isto. A questão é saber qual o enfoque que se vai dar a esta questão, oficialmente não são, tecnicamente se calhar também não. Eu, inicialmente, mantive-me completamente brasileiro, imigrante sem laços. O estatuto de igualdades, direitos e deveres transforma-me num indivíduo brasileiro com os mesmos direitos e deveres de um cidadão português, é como se eu fosse português de brincadeira. O Hino Português me faz muita diferença, eu tenho uma relação com o Hino Português muito curiosa porque quando eu chego a Portugal e vejo a eloquência, a rapidez com que o hino chega aos portugueses, eu fiquei completamente encantado com isso, então ficou uma simpatia muito grande pelo hino. Hoje quando se canta o hino nos jogos da selecção, por exemplo, há bem pouco tempo estava a começar um jogo de Portugal e começámos a cantar o hino “Heróis do mar nobre povo ...” e as minhas filhas ficaram a olhar para mim e perguntaram-me se eu sabia o hino todo. Claro que eu sei como é que eu vivo há 17 anos aqui e não ia saber o hino, esse hino para mim já faz muita diferença. A “portugalidade” já me é muito cara. Não vou deixar de ser brasileiro nunca.»

A metamorfose

Tal como vimos no caso de Márcio, é também o olhar dos outros que permite objectivar a transformação operada e tomar consciência dessa disjunção da identidade.

«Eu não sou o Rowney sempre, muitas vezes não tão directamente, mas mais pelas costas, eu sou “O Brasileiro”, ah é aquele médico brasileiro. Isso dá-te uma dimensão da importância da conduta que cada indivíduo como uma individualidade tem fora do seu país, você é representante do seu país. Não sou brasileiro mas também posso dizer que sou português.»

A fuga pela terceira margem do rio

Com um pé em cada margem, onde criou raízes, Rowney é como uma orquídea, viajando pelo espaço em busca da terceira margem, do terceiro lugar, o lugar que não existe em parte nenhuma, ou que poderia ser qualquer lugar da Terra.

«Claro que eu tenho raízes, não há como negar isso, agora não quer dizer que eu não possa estar bem onde estou. As raízes das orquídeas estão metidas na árvore que as sustenta, mas elas às vezes vão até o solo, as raízes das orquídeas são muito grandes, a planta é que é pequenina. A sensação que eu tenho é que o Brasil é pequeno demais, Portugal é pequeno demais. Se por qualquer razão eu tivesse que ir viver para a Rússia ou para a Bulgária eu iria, não sei se teria mais ou menos dificuldade, mas eu não encararia com nenhum receio o facto de ir viver para a Bulgária. O emigrante é um sem terra, não tem lugar no mundo, haviam de criar imediatamente a “Imigrónia” (risos) porque é um problema seríssimo, eu aqui em Portugal sou brasileiro e quando vou ao Brasil sou português. A “Imigrónia” não existe, eu não tenho canto. Hoje quando vou ao Brasil toda a gente me chama “O Português”. Há 2 cidades no mundo que eu trocaria Leiria por qualquer uma delas: Barcelona e Rio de Janeiro, mas este não existe mais, é uma cidade extremamente violenta, abusivamente desumana para aquilo que eu gosto. E sou completamente siderado por Barcelona, rendido, são as 2 cidades que me encantam definitivamente a nível de modo de vida e isso dá mais ou menos uma ideia da minha maneira de ser, sou pouco ligado a formalidades.»

NÍVEA

O eu intercultural

Nívea nasceu no Brasil e vive em Portugal há 15 anos. Licenciou-se em Letras e trabalhou em várias cidades do Brasil. Veio para Portugal com o marido no âmbito de uma proposta de trabalho que este recebera na área da rádio, onde ela começara a trabalhar recentemente. Dois anos depois, nasce o seu único filho. Interessada pelas questões de cidadania e por considerar-se uma cidadã do mundo, a Neusa pediu dupla nacionalidade para si, para o marido e o filho. O marido mostrou alguma resistência, ao contrário dela que encara a situação como “natural” pois percebe que este acto vem legitimar as múltiplas referências culturais que integra em si.

«Hoje já tenho a nacionalidade portuguesa, ou seja, tenho dupla nacionalidade. Ao fim de catorze anos resolvi pedir a dupla nacionalidade, para que o meu filho pudesse usufruir de todos os bens de um cidadão europeu. [...] Quando eu disse para o meu marido “Eu vou pedir a nacionalidade portuguesa”, ele disse “Ai, mas eu não quero perder a brasileira...”, e eu disse “A gente não vai perder a brasileira, a gente vai adquirir dupla nacionalidade!”»

É habitante de todos os mundos culturais por que passou ao longo da sua trajectória social e vive conscientemente esta metamorfose.

«Vivo muito bem comigo e com os outros, sou muito feliz aqui, adoro... E vivo bem com essas diferenças, que p’ra mim são assim... naturais, não penso muito nisso...»

A invenção da terceira margem

Apesar de toda a sua família habitar a primeira margem, o seu filho, que nasceu em Portugal, veio reforçar esta sua identificação com os portugueses, contribuindo para uma maior integração das margens em si.

«minha família é toda do Brasil, pelo menos que eu saiba é tudo de raízes brasileiras. Mas eu digo isso porque meu filho agora muda muita coisa! Meu filho é português e, como tal, acabo por ter os tais cinquenta por cento no sangue.»

À semelhança do Rowney, a Nívea reconhece em si a pertença à primeira, segunda e a todas as outras margens, considerando-se como um projecto sempre aberto à mudança.

«Eu tenho uma facilidade muito grande de adaptação. Ainda no ano passado nós recebemos uma proposta p’ra ir p’ra Lisboa e o meu filho a primeira coisa que disse foi “Póxa, mãe, e os meus amigos?”, e eu digo “Faz novos... Olha o meu

exemplo, e você 'ta uma hora e pouco de viagem. Olha os meus amigos, onde é que eu os deixei... nove mil quilómetros de distância... amigos de uma vida inteira, mas amigos que são amigos não morrem, meu filho! Eles ficam lá... quando você precisar eles estão lá... e agora hoje com a Internet!'. Então, eu tento sempre passar essa cultura p'ra ele, que a gente tem que 'tar sempre mudando, 'ta sempre renovando, não se pode acomodar...»

A ligação à cultura de partida assume grande importância para si, assim como as novas referências portuguesas que experienciou há vários anos, traduzindo-se num apego repartido entre as tradições alimentares, musicais e clubistas de ambos os países.

«eu gosto muito da comida portuguesa, é uma delícia, e então o bacalhau... [...] Cozinhinho comida portuguesa e comida brasileira, adoro as duas.»

«A música é presente lá em casa tanto a brasileira como a portuguesa.»

«É assim, eu ganho dos dois jeitos! Se Portugal ganhar, eu ganhei, não é? Se o Brasil ganhar eu também ganhei, porque eu tenho cinquenta por cento de sangue de cada um nas veias, então, acho que no último mundial nós sofremos bastante. Quando o Brasil perdeu, ok, vamos torcer então por Portugal. Agora se algum dia a final for entre um e outro, é o que eu te disse, qualquer um dos dois que vença, eu vou ganhar de qualquer jeito, eu vou festejar de qualquer jeito, duplamente, primeiro e segundo lugar!»

Tal como Rowney, desenvolveu fortes pertenças em qualquer uma das margens, mas não entende estar terminada a busca por uma nova dimensão, objectivada na sua abertura ao mundo, que quer integrar em si, mas nunca esquecendo a margem de onde partiu.

«eu não ponho de parte a questão de sair, seja p'ra onde for... [...] Se me chamassem eu vou assim, na hora! Vou porque eu sou sedenta de aprendizagem. [...] Eu gosto de aprender, eu gosto de desafios, gosto de cultura nova... Então, se me dissessem que eu hoje ia p'ros Estados Unidos eu ia...»

«Então eu gostava mesmo era de Janeiro passar em Londres, em Julho Brasil, Janeiro na Suécia, Julho no Brasil... esses são os meus planos!»

ANTÓNIA

O eu bicultural

Antónia vive em Portugal há 11 anos. Veio para Portugal para apoiar a filha mais velha que imigrara anteriormente e que engravidara de um português, com quem casou. Chegou com o marido, e os outros dois filhos, tendo o mais novo apenas dois anos. A partida causou-lhe grande sofrimento, que ainda hoje sente.

«É... na cabeça que muda tudo, né? Não é só a vida do dia-a-dia... [...] Ah, mas a gente sente diferente! É outra mentalidade... [...] E eu me pergunto: "Vale a pena?" (pausa) Eu não sei... romper com a nossa família, romper com as nossas vidas e mudar tudo... Eu encontrei aqui muita dificuldade, só agora consegui...»

Afirma sentir-se tão brasileira como no primeiro dia em que chegou.

«Não, não menina! Eu sou cem por cento brasileira! Não consigo, por mais que eu tente... falar o português, não consigo, por mais que eu tente gostar de viver o dia-a-dia português... eu não consigo ainda, pode ser que daqui a mais dez anos eu chegue lá... (risos)»

«Não, não, não... não consigo [sentir-me diferente], não consigo porque é... é muito diferente a maneira de ser brasileira e a maneira de ser portuguesa. Nós não nos não nos casamos bem nesse aspecto.»

Afirma a forte pertença à primeira margem e tenta recriá-la em todos os contextos, dentro e fora de casa, seja no modo de falar, nas tradições alimentares, na música que ouve, na religião que pratica.

«[...] tanto na comida, no modo de falar... e quero continuar a ser brasileira! Nós somos brasileiro o tempo todo, 24h por dia, tanto na rua como em casa, não tem porque... A comida em casa... só como comida brasileira, só. E trouxe também a cultura religiosa, né? Que é Iemanjá, é... que é que a gente, que nós cultuamos. Eu sou afeiçoada a ela e tem inclusive aqui um grupo de brasileiras que faz as rezas comigo, fazemos os rituais, seguimos essa fé... eu sou espírita, que é uma coisa mais comum no Brasil, né? Que mais?... As músicas... só ouço música brasileira.»

Contudo, sem o admitir, a Antónia tem já um pé na segunda margem, objectiva e subjectivamente, seja através da identificação com a música portuguesa, com as amizades que estabeleceu ou com alguns hábitos sociais que adquiriu.

«É... agora já 'tou ouvindo muito o fado [...] já vou ficando com outros hábitos, de acordar mais tarde, mas só poucas vezes, que eu 'tou acostumada a levantar cedo no Brasil... mas aqui o horário é diferente e... olha, já tou indo p'ro café também... (risos) [...] mas acho que é... é bom, sair... porque aqui a gente não saía muito.»

«ainda tem gente boa aqui... eu tenho alguns amigos, não muitos... mas conheço muita gente já... gente boa. [...] A gente precisa das outras pessoas... eu gosto de estar bem aqui, que é onde eu vivo, de conviver com as pessoas... e eu acabo conhecendo gente que vem ao gabinete... que me pedem p'ra fazer as rezas...»

Entre margens e afectos

A recusa da integração em si das novas referências culturais traduz-se na afirmação de que ela própria e a sua família devem manter uma inquebrável ligação à primeira margem. Contudo, o filho mais novo traz-lhe grandes preocupações nesta questão, por se sentir português, contra a sua vontade.

«Eu acho que sim [tem que manter a identidade brasileira], porque é isso que nós somos, é como diz, é a nossa identidade! E não vai ser porque vivemos noutra lugar que tem que ser diferente, né? Porquê vamos mudar? P'ra todos [família] isso acontece, somos brasileiros, mas o meu filho... ele inclusive 'tá tendo dificuldade porque ele fala que em casa ele não pode falar português, não pode ser português porque nós somos brasileiro... chega na escola ele não pode ser... ele não é considerado português, todo o mundo chama de brasileiro e ele se acha português, então ele tem um problema sério de identidade, muito grave!»

A Antónia experimenta hoje um dilema constante entre o forte sentimento à primeira margem, aliado à vontade de regressar às origens, e o querer estar com o filho mais novo, visto como um “outro” dentro da família, o português, mas amado e respeitado. Esta luta interna conduz Antónia à ambivalência entre o querer transformá-lo e aceitá-lo como é.

«Todos somos brasileiros... Lá em casa só ele que é assim... Parece que o que as outras pessoas falam p'ra ele é mais importante que o que a gente fala...» «Tem momentos que ele não entende muito bem a posição dele... ele se intitula português, ele acha que é português! A hora que ele descobrir você vai ver...»

«É... ele viveu toda a vida dele aqui, né? Eu percebo... mas foi no Brasil que ele nasceu e esse é o país dele... e a gente um dia vai voltar e ele irá também...»

«mas o meu filho acha-se português... odeia a minha comida, não gosta da música brasileira e quer... eu outro dia falei p'ra ele: “Canta aí meu filho, p'ra mamãe ouvir um bocadinho o hino”, e ele: “...Às armas, às armas”, e eu falei: “Isso não é seu hino meu filho, eu sinto muito! Isso aí é daqui, o nosso é outro!”, e ele “Ah, não gosto”. E outro dia 'tava uma cliente aqui e disse “Ah, vou ao Brasil dona Heloísa, vou passear...”, e ele “Cuidado, hem, cuidado, lá no Brasil é o maior perigo, você vai arranjar uma bala perdida”... Eu falei: “Você não fala assim do seu país, meu filho!”. Não... ele odeia tudo o que vem do Brasil...»

Por outro lado, o neto, nascido em Portugal, filho da filha mais velha com um português, representa um forte elo de ligação com a segunda margem, que não consegue negar.

«Mas esse meu neto fez a gente esquecer muita coisa... e noutra lado lutar mais pelos direitos da gente aqui! [...] É, é um menino abençoado! Foi um contentamento assistir ele... deu muita alegria p'ra gente.»

4. Conclusão

Estamos perante diferentes modos de gerir as identificações numa trajectória heterogénea que aqui analisamos e denominamos de forma simples entre a primeira e a segunda margem culturais. Semelhanças há entre as quatro vozes, mas é mais sobre as diferenças que queremos retirar algumas leituras conclusivas.

Centrando-nos nas especificidades e singularidades de cada sujeito, tentámos compreender a forma como cada um gere as suas subjectividades numa realidade diferente da de onde partiram, e que hoje habitam, embora uns optem por se identificar mais com uma das margens e outros por reconhecer em si as múltiplas referências que experimentam entre margens.

É possível nestes quatro casos que têm como primeira margem o Brasil e a segunda Portugal, perceber aqueles que se assumem como cidadãos do mundo e que não vêem a segunda margem como cultura de chegada mas antes como um gerúndio do viver a caminho de outros projectos sempre em aberto, como é o caso explícito da Nívea e do Rowney; outros há que usam a segunda margem como um passaporte para voltar à primeira com alguns sonhos realizados, acreditando que no regresso são os mesmos, que regressam à mesma realidade que deixaram, quando nem uma coisa nem outra acaba por acontecer, como é o caso da Antónia. Outros há, ainda, como às vezes parece ser o Márcio, que aceitam encaixar-se no estereótipo de procurar ser entre duas formas de ser, e auto-designando-se como “eticamente ambíguos”, resultantes da classificação percebida no olhar dos outros sobre quem vive entre margens.

O processo identitário é um caminho de aprendizagens constantes, assente na reflexividade e agência de cada sujeito, num jogo entre os possíveis e os desejáveis, que busca o equilíbrio entre o eu e os outros, para atribuir sentido e continuidade ao self. Cada sujeito integra, assim, de modo sincrético, a pluralidade de referências de que dispõe, possuindo «uma identidade de geometria variável» (Cuche, 1999: 149).

Referências Bibliográficas

- CAMILLERI, C. (1989). La culture et identité culturelle: champ notionnel et devenir. In, C. Camilleri & M. Cohen-Emerique (Org.), *Chocs de cultures: concepts et enjeux pratiques de l'interculturel*. Paris: L'Harmattan (pp. 21-73).
- CRUZ, M. B. (2004). Sessão de Abertura do I Congresso de Imigração em Portugal. In ACIME (Org.) *Actas do I Congresso de Imigração em Portugal: Diversidade – Cidadania – Integração*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (pp. 12-14).
- CUCHE, D. (1999). *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Lisboa: Fim de Século.
- GIDDENS, A. (1992). *As consequências da modernidade*. Oeiras: Celta Editora.
- HALL, S. (1997). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Brasil: DP&A Editora.
- HALL, S. (2003). *Da Diáspora – Identidade e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG.
- LAGES, M. et al (2006). *Os imigrantes e a população portuguesa – imagens recíprocas*. Lisboa: ACIME.
- MENDES, M. (2008). *Mulheres em Diáspora – Narrativas Identitárias de Mulheres Imigrantes em Portugal* – Tese de Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Educação e Diversidade Cultural. Porto: FPCE – Universidade do Porto.

- RODRIGUES, J. C. (2003). *Antropologia e Comunicação: Princípios Radicais*. São Paulo: Edições Loyola.
- SARUP, M. (1996). *Identidade, Cultura e o Mundo Pós-moderno*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- SEF (2006). *Imigração, Fronteiras e Asilo – Relatório de Actividades 2006*. Lisboa: Departamento de Planeamento e Formação do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- SOUTA, L. (1997). *Multiculturalidade e Educação*. Porto: Profedições.
- STOER, S. R. & MAGALHÃES, A. (2005). *A Diferença Somos Nós – A gestão da mudança social e as políticas educativas e sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R. (1999a). *Ser Igual, Ser Diferente: Encruzilhadas da Identidade*. Porto: Profedições.
- VIEIRA, R. (1999b). *Histórias de Vida e Identidades – Professores e Interculturalidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R. (2006). *Identidades Pessoais, interações, campos de possibilidades e metamorfoses culturais – Lição das Provas de Agregação*. Lisboa: ISCTE.
- VIEIRA, R. & TRINDADE, J. (2008). Migration, Culture and Identity in Portugal. *Language and Intercultural Communication* Vol. 8, N. 1, 36-49.
- WIEVIORKA, M. (2002). *A Diferença*. Lisboa: Fenda.

Construindo projectos de cidadania activa: uma análise às trajetórias associativas de descendentes de imigrantes em Portugal

Rosana Albuquerque

Universidade Aberta - Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais/CEMRI

rosana@univ-ab.pt

Resumo: Nesta comunicação apresentam-se resultados de um projecto de investigação sobre a participação associativa de descendentes de imigrantes de origem africana lusófona em Portugal. Procurou-se compreender o que leva os/as jovens a envolverem-se no activismo cívico, aderindo a associações ou tomando a iniciativa de realizarem projectos próprios. A matéria-prima empírica foi recolhida com base em histórias de vida, num olhar retrospectivo às trajetórias de jovens adultos, assumindo actualmente funções dirigentes em associações juvenis ou de imigrantes e descendentes. Observou-se que o processo de participação cívica decorre de uma interacção recíproca entre factores individuais e estruturais. Foram identificados catalisadores da participação cívica, onde assume particular relevância a posse de recursos como a disponibilidade de tempo, a oportunidade de inserção profissional nas associações onde colaboram voluntariamente, o bom nível de escolaridade e o apoio de redes sociais. Estes aspectos interligam-se com personalidades que valorizam a interacção social e que revelam atributos como o sentido de responsabilidade, a perseverança e a capacidade de iniciativa e que, por sua vez, estão associados às motivações expressas para aderir a associações e desenvolver projectos associativos de continuidade. A análise das trajetórias destes jovens activistas vem sublinhar que a participação associativa é um processo dinâmico e exigente, que implica a convergência entre a posse de recursos e a vontade de intervir na esfera pública, reflectindo o compromisso e o investimento pessoal no exercício de uma cidadania activa, num contexto de défice de participação política da sociedade portuguesa.

1. Introdução

Nesta comunicação apresentam-se resultados de um projecto de investigação sobre a participação associativa de descendentes de imigrantes de origem africana lusófona em Portugal. Procurou-se compreender o que leva os/as jovens a envolverem-se no activismo cívico, aderindo a associações ou tomando a iniciativa de realizar projectos próprios. A matéria-prima empírica foi recolhida com base em 10 histórias de vida, num olhar retrospectivo às trajetórias de jovens adultos assumindo actualmente funções dirigentes em associações juvenis ou de imigrantes e descendentes. Privilegiou-se a análise de experiências de continuidade, focando o olhar desde o primeiro contacto com o associativismo ou com actividades cívicas de carácter informal até à situação actual de assunção de responsabilidades de direcção, no sentido de identificar os factores facilitadores e as dificuldades subjacentes ao processo de participação associativa. O associativismo de imigrantes em Portugal conta já com mais de duas décadas de história, na qual as primeiras associações constituídas por descendentes têm origem em meados da década de 1990.

2. Trajetórias associativas

A participação associativa constitui um processo complexo e multidimensional, exigindo-se que no seu estudo se considerem os vários factores condicionantes das dinâmicas de participação, bem como as suas interacções. Nesta perspectiva, a pesquisa aqui apresentada tem os seus alicerces teóricos em contributos de diferentes autores que desenvolveram modelos explicativos da participação cívica e política, que articulam a análise de factores de natureza estrutural com a análise de factores de natureza individual (Putnam, 2000; Triandafyllidou & Vogel, 2005; Verba, Schlozman & Brady, 1995). Foi também considerada a investigação sobre Estado e sociedade em Portugal, a qual vem reforçar que o processo de participação constitui uma relação dinâmica entre o Estado e os cidadãos, mediada pelos vários instrumentos e mecanismos que aquele coloca à disposição dos indivíduos e que está inserida no contexto mais vasto da evolução dos direitos de cidadania (Hespanha *et al.*, 2000; Mozzicafreddo, 2000; Santos, 1990). A relação dialéctica entre acção do Estado e dos cidadãos remete-nos, assim, para uma prática de cidadania que é o resultado do esforço das várias partes envolvidas na construção de um espaço de direitos.

4 a 7 de Fevereiro de 2009

Universidade do Minho | Campus de Gualtar | Braga

www.xconglab.ics.uminho.pt



ISBN: 978-989-96335-0-6